

VIRGÍLIO VÁRZEA E A ESTÉTICA KITSCH

Na literatura de um autor periférico.

AUTORA: Prof. Dra. Rosângela Miranda Cherm

INSTITUIÇÃO: UDESC

Numa remota aldeia de pescadores de uma ilha da América do Sul, em meados do século XIX, mora um menino chamado Virgílio Várzea. Passa sua infância no navio com o pai e na adolescência sonha tornar-se marujo, mas após alguns percalços neste empreendimento, acaba tornando-se escritor. Suas ambições letradas o levam à capital do país, onde se aproxima de um universo social identificado com as referências culturais europeias. Assim, as inquietações de como produzir uma literatura com consciência, memória e alma nacional cruzam-se às fantasias elitistas de refazer Paris em plena ambiência tropical. Bem naqueles anos, os sonhos das gerações de abolicionistas e anti-monarquistas escoam em meio aos desencantos quanto à regeneração política e social brasileira.

Lustro de civilidade e distinção, a literatura acaba por ocupar um lugar de fetiche na vida do ex-garoto provinciano. Na entrada do século XX, Virgílio Várzea partilha e reproduz, tanto com os escritores canonizados no mundo literário como com os que lhe ficavam marginal, um *fetichismo de consumo associado a cultura eurófila da elite*.¹ Compreende que em seu meio, saber referir e dar trato aos autores e obras constituiu-se num capital simbólico valioso, apreciado tanto pelos que possuem lastro material, como entre os destituídos que ambicionam ascender socialmente pela via intelectual. Tal valor, acentuado desde o último quartel do século XIX, coincide com a expansão do mercado editorial, reconhecendo-se no próprio ato de publicação um refinamento e sofisticação daquele fetiche.

Oscilando entre a estética mais acessível dos parnasianos e a estética entricheirada dos simbolistas, o jovem escritor assimila e consome os elementos de referência no meio cultural que aspirava. E assim, acaba por digerir e expressar, através dos efeitos sentimentais e emotivos, uma atmosfera literária edulcorada, onde as palavras predominam como invólucro ou acessório para imagens apreciadas apenas em sua afirmação de efeito.

Morando vários anos na capital federal, mantendo tanto proximidade afetiva com Cruz e Sousa como convívio profissional com Olavo Bilac, chega ao décimo quarto livro com quarenta e sete anos. Contemporâneo de Machado de Assis e Euclides da Cunha, Virgílio Várzea parece ter buscado não os fluxos da cidade, nem os refluxos do sertão, mas o mar, senão apenas como tema, freqüentemente como cenário dos escritos através dos quais acredita poder atravessar as vagas estéticas e os impasses políticos que assolaram os intelectuais de seu tempo. Apesar de quatro tentativas frustradas para participar da Academia Brasileira de Letras entre 1907 e 1921, os registros de contra-capas e orelhas fazem persistir os títulos que deveriam seguir publicados, além de outras fontes biográficas e literárias que referem seus inéditos, escritos no decurso da maturidade até a morte aos setenta e oito anos.

Uma década depois, um almanaque de circulação restrita publica em sua terra natal uma espécie de resumo biográfico, enfatizando o lugar do escritor *criador do gênero marinheirista na literatura latino-americana*. O início literário engajado contra o romantismo e a causa pró-abolicionista, os livros publicados, os jornais para os quais escrevera, servem como as principais contas de um colar desfilado como realidade da vida reescrita postumamente: *Vamos lembrar velhos vultos que já morreram e rever bons amigos de nossa juventude (...) ao sopro da memória, o brasileiro das recordações encantadas e esquecidas nas cinzas do tempo (...) E aqui estamos todos, velhos e moços, alegres ou comovidos, aprendendo e contando histórias da nossa gente, das nossas coisas, da nossa terra, histórias que só nós entendemos e de que tanto nos ufanamos.*²

Metáfora de um Brasil que não figura como produção expressiva no contexto mundial e nem mesmo em termos de América Latina, em certa medida, povoam este ambiente do entorno do século XX, outros nomes que

passaram ao largo das classificações literárias mais abrangentes em termos nacionais, tais como os cearenses Manuel de Oliveira Paiva, Rodolfo Teófilo e Antônio Sales, o paulista Valdomiro Silveira, o mineiro Bernardo Guimarães, o gaúcho Apolinário Porto Alegre e o baiano Xavier Marques. E, para confirmar este lugar pouco significativo a que ficou relegado, pode-se recorrer a um comentarista de seus livros, para quem *um oceano engoliu a figura e a obra*, sendo que ao tematizar o mar, torna também um naufrago na *convicção taciturna de que toda a história literária é uma sucessão interminável de naufrágios*.³ Por sua vez, tanto no caso dos comentários póstumos do almanaque, quanto na apresentação fac-similar mais recente, preserva-se um olhar melancólico sobre aquela espécie de ambição fracassada, atraente elo de nostalgia, estímulo estetizante que permite relacionar as páginas do escritor aquilo que se disse sobre ele.

Eis então que o Kitsch é localizado na literatura como expressão de sintomas culturais compartilhados e disseminados para além daquilo que se considera realidade periférica, em conformidade com os encadeamentos meramente cronológicos e as explicações catalogadoras, excessivamente formatadas. Integrando parte de uma história das sensibilidades e percepções, apresenta-se como inescapável e toca tanto os destinos singulares como os contextos em que os mesmos são tecidos. Considerado menos como um estilo mais e como um sistema estético, permite repensar classificações, recompondo significados e ligando eventos que vão do familiar ao estranho, do sonho ao pesadelo, do particular ao geral, através de temporalidades que se estendem do amanhecer industrial ao pós-industrial e do moderno ao pós-moderno.

¹ Jeffrey D. NEEDELL. *Belle époque tropical*. São Paulo. Cia das Letras, 1993, pg 229.

² *Anuário Catarinense*, nº 01. Publicação da Junta Comercial de Florianópolis, 1948, pg 01. Acervo da BPM de Fpolis.

³ Ledo IVO. Cheiro de Maresia. In Virgílio VÁRZEA. *Mares e Campos*. Rio de Janeiro, Casa Rui Barbosa, s/d, s/pg.